

A prática psicanalítica no mundo virtual

Relações entre a transferência prévia pela instituição e a transferência com o analista.

Mônica Portugal (psicanalista, membro do EM)

RESUMO

Há alguns anos venho exercendo a prática psicanalítica na modalidade mista, presencial e virtual, mas a pandemia e a conseqüente necessidade de isolamento mostraram a urgência em adotar a prática analítica somente no meio virtual. Como experiência inédita, isto exige esforços redobrados para o entendimento de suas conseqüências, sobretudo no manejo da transferência, o “*acting out*”, na ausência de análise, assim como é importante ressaltar a forma como a instituição psicanalítica pode servir de anteparo nesse momento de excesso de exposição do analista.

Palavras-chave: prática psicanalítica, meio virtual, transferência, redes sociais, mentira, vergonha, público e privado.

ABSTRACT

For a couple of years by now I have been practicing psychoanalytic therapy in a mixed - face to face and virtual - modality, but the pandemic and consequent need for isolation made it necessary to adopt a 100% online practice. This being an unprecedented experience, redoubled efforts are required to understand the consequences that can arise, especially with regards to the handling of transference, or "acting out", in the absence of analysis. Another important aspect to be emphasized concerns the manner how the psychoanalytic institution may serve as a safeguard during these times when analysts are excessively exposed.

Key-words: psychoanalytic therapy, virtual modality, transference, social networks, lie, sense of shame, public and private.

A XXIX Jornada do Espaço Moebius celebrou 30 anos da instituição e isto é motivo para a troca de afetos, de abraços e brindes entre colegas do Brasil e do exterior que contribuíram nesse percurso.

Assumi o compromisso de que a cada oportunidade de apresentação, marcaria uma posição em relação à denúncia do que se passa no Brasil. O ano de 2020 parece que vai marcar época, como o ano em que o mundo parou por conta de um vírus, cuja doença, a Covid 19 ceifou cerca de 160 mil vidas no Brasil, nesse primeiro ano, sendo que até o mês de setembro de 2021 alcançamos a marca de cerca de 600 mil mortes e me recuso a encarar isso como mera estatística.

Faço questão de mencionar esse número como vidas. Vidas de Marias, de Franciscos, pais, mães, irmãs, irmãos, tias, tios, primas e primos, avós, avôs, amigas e amigos, colegas, enfim, pessoas com nomes e sobrenomes, pessoas cujas vidas poderiam ter sido poupadas, pois é preciso dizer de forma clara e inequívoca que o

desmedido do número relacionado a essas mortes obedece a outra lógica que não somente à lógica do vírus.

Obedece também a uma lógica apoiada na força da iníqua desigualdade de renda e preconceito racial, num país onde se contam bilionários no padrão das nações mais ricas e que esses tenham seus ganhos alavancados durante a pandemia é um escárnio, isto contra uma ajuda de cerca de US\$100 dólares/mês, por um curto período, e agora cerca de US\$50, para os que perderam empregos, ou não puderam sustentar atividades autônomas, ou ainda, num país onde parece ser trivial um acontecimento como a transferência de valores líquidos na escala de 50 bilhões de reais, traduzindo, bilhões de dólares, numa única operação, por uma única família (conforme amplamente noticiado na mídia tradicional e replicado nas mídias alternativas na grande rede). Talvez ainda precisemos de mais tempo para estabelecer ou para contabilizar os efeitos dessa desigualdade, e entendermos sobre a preferência da morte por pele negra ou parda, pois essa é a cor estampada em cerca de 70% das autópsias e ainda persiste a tentativa de quebrar qualquer resistência como a ordem do dia, sem trégua. Fica o registro, pois o desamparo é real.

Por conta desse quadro, foi necessário nos reinventar, nos adaptar e assim aconteceu a primeira jornada virtual para celebrar o encontro, celebrar o percurso de 30 anos, sintam-se abraçados, sejam bem-vindos ao nosso cadinho virtual. Aliás, reinventar-se é próprio da psicanálise e do analista, nesse caso analistas e a instituição seguem a contemporaneidade, sendo que a questão do mundo virtual ou do emprego de determinadas tecnologias parece se impor de modo inexorável em toda a sociedade, estamos no mesmo barco.

Conjugar a transferência à prática psicanalítica hoje, no meio virtual, nos coloca diante de um desafio, antes, porém, é importante pautar uma questão preliminar.

Há uma prática psicanalítica no mundo virtual, a qual, de modo geral, já vem sendo empregada há muitos anos. Talvez isso represente uma tendência que veio para ficar, ou um modismo com tempo marcado para passar.

Nesse caso, estaria em curso mudanças que talvez a teoria ainda não tenha se estabelecido, com perguntas e respostas a serem construídas, às quais, certamente demandarão tempo que a prática exige para compilar, organizar e expor. Isto é diferente do que vem se constituindo na prática psicanalítica motivada a partir da crise instaurada pela pandemia da Covid 19. Portanto, é preciso estabelecer as diferenças para podermos avançar.

Posso dar meu testemunho de que a prática psicanalítica no mundo virtual não é uma novidade, eu já a exerço há pelo menos 8 anos, por conta de atendimentos em duas cidades, Fortaleza e Manaus. Foi uma necessidade marcada pela distância, talvez essa mesma razão seja somada à questão do trânsito nas grandes cidades, da dificuldade dos deslocamentos, o que também pode ter levado alguns colegas nossos, em São Paulo, Rio, Cidade do México ou Buenos Aires, que eu tenho conhecimento, a adotar essa prática. Enfim, não é algo inédito.

Todavia, inédito é o caráter compulsório que chegou com a pandemia e o consequente isolamento social, no que acredito alterar a perspectiva da prática

psicanalítica no mundo virtual, pois, pelo menos em minha clínica, foi o maior período sem sessões presenciais, já que até antes da pandemia, as sessões virtuais eram escalonadas com sessões presenciais, essa era a rotina.

Antes da pandemia, os atendimentos virtuais que realizava só aconteciam depois de instaurada a transferência, com encontros presenciais na forma das entrevistas preliminares, e só depois dava continuidade à análise pelo espaço virtual, a internet, ou mesmo pelo telefone. Posso testemunhar não ter havido prejuízo dessas análises ao longo do tempo nessa modalidade mista de atendimentos, sendo possível manter o manejo da transferência nos períodos não presenciais. Isso talvez tenha sido favorecido pelo fato de haver uma continuidade das sessões presenciais, já acertada previamente, algo como uma “manutenção” das condições da fala. Análises foram continuadas, outras interrompidas, num padrão muito próximo às ocorrências em procedimentos totalmente presenciais.

Nesses tempos de isolamento, atendi algumas pessoas diretamente no mundo virtual, inclusive atendimentos como voluntária, foram atendimentos pontuais, momentâneos, com características nítidas de uma psicoterapia, ou seja, não se constituíram em trabalho de análise.

Além desses casos, recebi pessoas com a intenção de realizar o trabalho de análise, contudo não foi possível fazer a preparação prévia que fazia antes. A experiência com esses pacientes me fez atentar para um grande impasse em relação à nossa prática. Enquanto realizava as sessões apenas de modo virtual notei a existência de uma certa “pressão” pelo atendimento presencial, havia uma demanda pela presença do analista. No caso específico desses atendimentos, a presença física do analista representava também um certo “ar de normalidade”, algo muito demandado nos três primeiros meses de isolamento. Resta saber se essa pressão pela presença poderia ser diferente, caso não se tratasse de algo compulsório.

Contudo, creio que neste momento atual, com a necessária imposição do isolamento social, houve mudanças no curso de algumas análises, ou melhor, é como se houvesse uma pausa no silêncio, como se houvesse uma necessidade de se precaver a todo instante de uma invasão do imaginário, porque no mundo virtual parece se constituir como necessidade um lembrete a partir de um olhar que não é direto, um *tête a tête* que deve ser evitado, uma posição menos invasiva na tela, ou uma busca precipitada pela voz entrecortada, pois os ruídos se multiplicam e isso não é de somenos importância. Eu diria que houve momentos nesses últimos meses que muitas sessões se assemelhavam a sessões com crianças, ou algo próximo a uma espécie de secretariado, ainda que a perspectiva seja sempre a de um sujeito.

Se no começo da análise está a transferência (Lacan, 2003), com ênfase na suposição do sujeito na expressão sujeito suposto saber, a qual sabemos não envolver a pessoa do analista, mas sim um constituinte ternário, indago acerca da forma de liquidação desta no mundo virtual, talvez nos deparemos com uma dificuldade maior.

Na proposta lacaniana, trata-se de acionar o processo de destituição subjetiva, ou um contato com o real; em tese, é este contato que permite mexer com as bases de todas as identificações do sujeito e, por conseguinte, todas as formas constituídas de laços

sociais, em outras palavras, dar passagem ao ato analítico tem suas consequências. Se for correta a percepção acerca de mudanças profundas em relação à dimensão do simbólico, e o ato ou o contato com o real depende dessa dimensão, resta saber se o “conluio” entre produção de imagens, mensagens rápidas, respostas mais rápidas ainda, ou seja, entrar e operar a partir de uma lógica inerente ao espaço virtual, com uma inflação do imaginário, pode interferir em relação a essa necessária borda real-simbólico.

Não nos iludamos, estamos inseridos num meio, se provisório ou não, só o tempo dirá, que opera por intermédio de estrutura lógica diametralmente oposta à proposta de análise. Freud nos adverte que uma análise não se coaduna com qualquer narcose ou ilusão e Lacan, com seus desenvolvimentos sobre o ato analítico, cuja porta de abertura é o real, segue o mesmo caminho e vai além, ao mostrar que uma análise, ao “calar o amor” (2005a, p.15) enterra a lógica programática do que estrutura as identificações, ou seja, a possibilidade do inédito, com o ato, habita outro lugar, incompatível com a estrutura virtual.

Impossível não se ater ao que a clínica revela em relação ao enredo desenvolvido pela função “marqueteiro digital”: *você pode avançar em sua carreira, na medida em que se expõe*, contudo, essa exposição não pode ser apenas no âmbito “profissional”, mas em sua intimidade, é preciso mostrá-la para causar empatia, para conquistar adeptos e assim, as compras por serviços, para ficar num exemplo, são compras “casadas” (proibidas pelo código do consumidor, diga-se), o serviço + sua vida privada, isto é parte do acordo, nada além de um somatório.

Ainda não disponho de meios de responder sobre o que pode significar uma análise exclusivamente por meio virtual, mas arrisco que precisamos nos ater aos mecanismos de funcionamento do que ocorre nas redes sociais, na linguagem, nas relações de dependência, na ausência de critérios entre o público e o privado, e sobretudo atentar em relação à vulnerabilidade na exposição e suas consequências.

Seria o caso de pensarmos a necessidade de mudanças no estatuto da instituição psicanalítica que albergará os trabalhos virtuais, caso estejamos diante de uma tendência que se consolidará a médio ou longo prazos? Ao passar o momento de isolamento atual, deixaremos de lado as “conquistas”, no tocante ao maior alcance, por exemplo, relacionadas ao mundo virtual? Dentre essas, inclusive, a possibilidade de fazer acontecer jornadas por essa via. Certamente os custos e a abrangência, ou o alcance da assistência é inversamente proporcional aos custos presenciais. São aspectos importantes a serem levados em conta.

A instituição psicanalítica proposta por Lacan é o oposto daquela cuja rotina gera comodidades, muito pelo contrário, já que a liquidação da transferência passa justamente pelo processo que em tese seria emancipatório, distante da identificação imaginária ao Eu do analista, como exemplo do quadro estabilizado na psicanálise antes do conceito de Escola de Lacan. Ora, estarmos em nossos escritórios ou em casa e podemos aumentar sobremaneira nosso potencial de alcance e talvez com menor custo inicialmente, indago se isso já representaria algo dessa categoria de “comodidades”, num sentido literal?

A expansão da psicanálise como consequência da consolidação do quadro de uso intensivo do espaço virtual, conforme opção crescente no momento, impactará a formação do analista, e lembro aqui a expansão com Freud, depois da Primeira Grande Guerra e com Lacan, na Escola Freudiana de Paris. Esses dois períodos foram difíceis, houve desvios dos fundamentos da psicanálise, pois é no contexto de expansão que “recrudescem posições políticas ligadas à formação do analista,”¹, de forma que o estado de atenção precisa ser constante para evitar os fenômenos de grupo sujeitos aos efeitos do laço amoroso.

Essa preocupação tem ligação direta com o poder mobilizador das redes sociais, ou o poder de “seguidores” de psicanalistas e nesse aspecto considero que a instituição possa cumprir o papel de absorver, ou fazer o filtro para que cada um analista não precise se expor, ou ter seus próprios “seguidores”. Questões delicadas como segurança na rede, ausência de controle das mais simples às mais complexas tarefas poderão ser determinantes, inclusive quanto aos custos, pois se na atualidade pode representar menores custos, ao longo do tempo, os dispositivos de apresentação virtual, com sistemas de segurança mais poderosos podem se tornar proibitivos financeiramente.

Ainda é cedo para avaliar o impacto de lançamento em conjunto por análises virtuais, por terapias curtas acolhidas no intervalo do isolamento social deste período, contudo, apesar de haver milhares de instituições já usando o nome da psicanálise na internet, sem seus fundamentos, isso não exclui a pertinência de nos atermos aos nossos próprios passos para evitar aglomerações desviantes.

Lacan nos lembra no seminário *a angústia* (2005) que a transferência não depende de uma análise, mas que a sua presença sem análise é o próprio *acting out*, neste caso, endereçada ao Outro, o qual, em análise, pode se dirigir ao analista; além disto, com direito à interpretação; contudo, assevera ser necessário cuidarmos em relação ao impasse que se estabelece quanto ao resto da matéria interpretável, aquela que determina a divisão do sujeito e o destitui como tal.

O *acting out* dá a largada à transferência, só que de um modo selvagem. Seu manejo pode domesticá-la, e abre a possibilidade de a psicanálise operar, de fazê-la funcionar, resumo: estabelecer uma relação de confiança entre o sujeito e o psicanalista, o que envolve uma relação de poder, porquanto se estrutura a partir de mecanismos identificatórios.

Tais mecanismos arrimados no Eu ideal vão impactar a imagem narcísica e aqui cabe uma interrogação se “ver-se” virtualmente durante uma sessão de análise pode interferir nas formas do manejo da transferência? A imagem no mundo virtual engrossaria o caldo das imagens que nos constituem, indo contra uma perspectiva da análise, qual seja, dissolver um pouco um denso campo imaginário?

A relação identificação e transferência foi exposta por Freud em Psicologia das massas e análises do eu (1921/2007), enquanto Lacan ressalta como os laços sociais são articulados a partir de processos de identificação, o que de certa forma estrutura processos de poder e em alguns casos, de dominação. Em tese, uma análise poderia exercer a função emancipatória do sujeito, depois de liquidada a transferência, aspecto

¹ Peço licença para trazer o que abordei no livro *A Formação do Analista, um sintoma da psicanálise*.

que pode ser diferente numa análise exclusivamente virtual, desse modo, mais uma vez, interrogo sobre o momento em que poderia acompanhar Lacan em “um dos fins do silêncio que constitui a regra da minha escuta é justamente calar o amor.” (2005 a, p.15). Pois, a condição do silêncio, aqui em sua literalidade, não se apresenta da mesma forma no espaço virtual, assim como os ruídos podem assumir proporções diferentes quando escutados do outro lado da linha, ou do outro lado da imagem-som oriunda da internet.

Um exemplo fora da psicanálise pode ilustrar como uma relação transferencial mal engendrada pode ter como consequências efeitos desastrosos para o sujeito e para a sociedade. É bem curioso, nesse aspecto, que em muitas cidades no Brasil, médicos, padres, pastores e militares engrossem, de maneira fora do padrão de sua representação no cômputo populacional, as fileiras de suas candidaturas ao executivo e legislativo, em todas as instâncias do poder, mas, sobretudo, em pequenas cidades, pois a função que cada um exerce diante da coletividade, como bastião do saber, parece lhes abrir canais de alavancagem em seus status políticos. Talvez a explicação resida na vulnerabilidade diante do sofrimento causado pelas desigualdades dos meios onde esses agentes exercem sua influência. A história recente no país vem mostrando o resultado desse engendramento.

Também nesse seminário sobre a angústia Lacan, ao articular o aperto teórico de Freud em relação ao caso da jovem homossexual, mostra o inusitado da capacidade de o inconsciente abrigar a mentira, daí se insere a dúvida, estaria diante de uma ausência de qualquer relação transferencial? Não, e segue no esclarecimento de Freud, afinal o discurso do sonho é diferente do inconsciente, apesar de se inserir na lógica do desejo inconsciente, portanto, deve-se manter a confiança neste e arremata: Freud se detém diante do problema da mentira como sintoma, ou o que o sujeito revela ao ir por essa via, ou ainda, a verdade tem estrutura de ficção. Importante não esquecermos esse grande detalhe.

Resta pensar sobre a forma como a mentira tem sido impulsionada pelo uso intensivo das redes sociais, a mentira passa agora por um *up grade* de categoria e isso em relação direta e proporcional a uma ausência ou diminuição do que seria a vergonha. Há um movimento no laço social que parece autorizar esse “desavergonhar-se”.

É dizer, parece haver um outro status reservado à mentira, ou à sua difusão nos meios virtuais, ajustado de acordo com a crença de cada um, de modo que o “enganar-se”, está na ordem do dia, está engatilhado, na ponta da agulha. Essas facetas em relação a construções acerca da mentira mantêm uma interface em relação à verdade. A verdade, segundo a fala de um adolescente, precisa estar no Google e há uma outra “verdade” relacionada à opinião de quem quer que seja, que circula sem rédeas nas redes sociais. Assim, a verdade está difusa, ela perde esteio, arrimo, pode ser propalada em alto e bom som, ou em imagens de alta resolução. E quanto ao estatuto do saber? No nosso âmbito, trata-se antes de um não-saber sobre o sexo, o que remete ao inconsciente, e ao real, contudo, há um saber *prêt à porter* disponível no “mercado” para saciar todos os gostos e sabores, à escolha do freguês.

Acredito que essa difusão ou “normalização” da mentira, do desavergonhamento, de um certo despudor nas redes sociais deixa muito tênue as

fronteiras entre as construções sintomáticas e o *acting out* e isto pode dificultar o manejo da clínica, caso pautada apenas pelo campo virtual, pois funcionaria como dois mundos paralelos e isso parece mais evidente na clínica com adolescentes e jovens. Algo como se o supereu marcasse presença ininterruptamente, como se fosse *up to date*, atualizado a todo instante, sem trégua, só o recente importa. Essa intensificação do imaginário pode ter repercussões nas relações entre desejo e gozo, sintoma e *acting out*.

Quais as consequências ou quais as vulnerabilidades da relação transferencial tentada à distância, ou pelo modo virtual? Qual função passa a ter a instituição psicanalítica em relação a essa modalidade de análise? Quais riscos podem ocorrer quanto ao material trabalhado em análise, diante da facilidade de gravação e exposição na internet?

A questão do pagamento da sessão via transferência bancária também precisa ser avaliada, dentre outros aspectos que fazem parte dos invariantes presentes numa análise, ou numa sessão de análise.

A condição RSI não se mantém na mesma proporção no espaço virtual, acredito que o imaginário parece se dobrar neste. Talvez haja necessidade de se ater quanto a uma possível situação de duplo desvio de rostos, de não cruzamentos.

Uma situação específica também observada, é a queixa relacionada a situações em que a pessoa alega não ter espaço privado em casa e se sente intimidado de falar. A pessoa procura ajuda e se coloca diante de um impasse. Nesses tempos de pandemia, por exemplo, afloraram muitos conflitos domésticos pela “convivência excessiva com o cônjuge”, ou pela demanda excessiva das crianças, somada à constatação de ausência de privacidade na própria casa.

Ainda não dispomos de tempo suficiente para analisar os percalços e vantagens que posam ter as relações no mundo virtual, inclusive no que diz respeito a uma análise. Já conhecemos um pouco sobre os efeitos sócio-políticos das relações nesse mundo, vide as penúltimas eleições nos EUA e as últimas no Brasil. Também temos conhecimento das tentativas de fugir da virtualidade das quais alguns jovens são acometidos quando de cortes no próprio corpo, algo que os aproximaria de uma realidade mais real do que a virtual e sabemos da segunda pele que vem se incorporando no corpo com as pequenas telas e os estragos na imagem. É muito mais delicado um atendimento virtual com quem já está saturado desse campo.

O mundo virtual tem especificidades. As redes sociais funcionam de um modo abrangente, sem fronteiras, e ao mesmo tempo com uma inteligência que agrega movimentos polarizadores – você recebe o que supõe desejar, não há tempo para titubeios. Não há limite entre o público e o privado. Cada movimento encontra respaldo para suas verdades e o estado paralelo policialesco, faz com que cada qual se posicione como guardião de suas crenças, agora verdades absolutas.

É nesse cenário da preponderância da imagem que o analista vai atuar, um lugar onde o narcisismo prospera, um lugar onde não se trata mais de vigiar, mas de controlar, sendo que cada um controla e é controlado, onde são escancaradas todas as formas de intimidade, até mesmo posições fotografadas, filmadas, às quais certamente poderíamos colocar como constrangedoras em momentos, por exemplo, de nascimentos de bebês em

partos “normais”, tudo é passível de ser publicado, qualquer coisa pode interessar a olhares desavisados ou não, pouco importa, o que importa é ser visto, é a imagem.

Este fato revela uma deliberada política de invasão da intimidade, pois parece lucrativo incentivar a confusão entre o público e o privado (Adorno já apontava para esse fato nos anos 50, e o trabalho de Guy Débord corrobora, afinal o espetáculo é lucrativo), sendo que a decisão de “tudo” publicizar serve a uma função, focada na dimensão da responsabilidade do sujeito, ou seja, ele é levado de roldão, precipitado, arremessado num burburinho, mas nesse lugar encontra guarita, é como se operasse ao mesmo tempo duas posições – a de ser arremessado e já se abrigar no percurso do arremesso, sujeito e objeto encadeados, desejo e gozo intrincados até a medula, não fosse assim, o mecanismo não funcionaria.

Há algumas questões de natureza prática que poderão advir, e no final de outubro de 2020, repercutiu a notícia sobre um chantagista que teria roubado dados dos pacientes, a partir da invasão dos servidores da rede de uma empresa, uma clínica de psicologia na Finlândia, com milhares de pacientes/clientes. Foi noticiado que o “hacker não tinha vergonha”, e que entre as vítimas há menores de idade, sendo que a empresa forneceu sessões gratuitas para aqueles que foram atingidos pela chantagem.

As sessões de terapia eram registradas e o chantagista “sem vergonha” viu uma oportunidade de tirar proveito do material privado, do material da intimidade de milhares de pessoas. Lógico que facilmente poderia ser obstado, pois este não é o modus operandi da psicanálise, portanto, em tese, aquilo que é falado resta como privado.

Contudo, há dois pontos que podem ser intrusivos na prática analítica virtual, primeiro, o fato justamente de acontecer no mundo virtual, a partir daí não há controle da segurança sobre o teor do que é falado, em ambos os lados, já que há dispositivos que podem capturar e gravar conversas, ou seja, abre-se os flancos para situações de extrema vulnerabilidade que talvez precisem ser observadas. O segundo, é a intensificação do imaginário, e nesse aspecto o próprio silêncio assume uma dimensão diferente na sessão virtual.

O “parecer” ou fazer semblante nas redes sociais exerce duas funções – ao mesmo tempo que torna mais compacta, mais densa a camada de proteção do simbólico e imaginário, em detrimento do real, o deixa também às escâncaras, justamente pela primeira função. Nesse caso, o fato de que aquilo que é dito, escrito, mostrado em imagens fazem do sujeito um outro outro? E quando operamos pelo meio virtual, há riscos de que esse outro outro possa dar lugar ao sujeito que surge no laço transferencial?

O que mudou? Para alguns, há um perceptível incômodo e uma premência maior pela presença física, como se essa presença fosse mais necessária agora do que antes. Como se a presença fosse um atestado, ou melhor, “uma passagem” para uma situação mais “normal”. Para outros, a ênfase é pela continuidade do trabalho no virtual, sendo que em alguns casos, a fala vem carregada de medo, de indefinição, de assombro, de tristeza, enfim, o supereu parece chegar com carga ainda mais explosiva nesses afetos

que foram somados ou intensificados pela pandemia. Esse é o quadro que percebo no momento.

Nesse caso, há algo específico a dizer sobre a transferência, ou melhor sobre o amor de transferência nessa modalidade clínica? Em que consiste o espaço virtual para o lugar do analista? O que muda em relação ao seu silêncio, ao corte, ao retorno à palavra do analisante?

Não tenho elementos suficientes no momento para avaliar se uma análise somente virtual possa vir a se efetivar como ocorre com as análises presenciais ou mistas. Mas, desconfio que uma vez possível instaurar a transferência, encontraremos as saídas para seu manejo e passaremos a ouvir a partir dessa nova modalidade de audição, cheia de barulhos colaterais. Nesse aspecto, lembro de algumas visitas ao Ivan Corrêa, em meu último fragmento de análise com ele, quando me recebia com as portas abertas, ar-condicionado desligado, com muito calor, tomando um líquido alaranjado de quando em vez, num local onde éramos invadidos por muitos barulhos da rua e, ainda assim, ali se mantinha o laço analista-analisante, mesmo quando todos os fatores poderiam estar longe do que se pretenda como um espaço adequado para uma sessão de análise.

Uma invenção, sempre!

Referências

FREUD, S. *Psicologia de las massas y análisis del yo*. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.v. 18, p.63-136.

LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967*. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. *Seminário a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. *O triunfo da Religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.a.